

04-07-2023

A velhice não autoriza o preconceito e a anulação dos direitos humanos

Priscila Pazos

[Fisioterapeuta. Doutoranda da Ensp/Fiocruz]

Junho violeta foi instituído pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 2011, como o mês de **Conscientização sobre a Violência contra a Pessoa Idosa**. O objetivo é chamar a atenção para a existência de violações dos direitos dos idosos, assim como denunciá-las e combatê-las. O Estatuto da Pessoa Idosa define violência como "qualquer ação ou omissão praticada em local público ou privado que cause morte, dano ou sofrimento físico ou psicológico" e patrimonial (**Lei 10.741/2003**).

Nos cinco primeiros meses de 2023, o **Disque 100** recebeu cerca de "47 mil denúncias que apontam para cerca de 282 mil violações de direitos contra sujeitos idosos". Ilustrando, a denúncia corresponde ao ato de notificar uma suspeita de violações. Na subsequente investigação dessas denúncias, encontra-se: a violência psicológica, sendo atos discriminatórios e desrespeitosos em relação à condição física e à imagem do idoso que comprometem direitos sociais, culturais e econômicos, e outras. "Em 2023 foi registrado um aumento de 40% nas denúncias em relação a 2022, naquele mesmo período" (**Ministério dos Direitos Humanos e da Cidadania, 2023**). Nesse contexto estrutural, o idadismo (preconceito relacionado à idade) ocorre em diversos meios sociais. Há quem diga, por exemplo, que espaços laborais não comportam gerações diferentes, pois pessoas idosas podem apresentar algum tipo de dificuldade de mobilidade ou até mesmo resistência quanto aos avanços tecnológicos. Mais uma vez, afirmo que **devemos ampliar os olhares para os processos sociais que atravessam a velhice. Devemos reconhecer a heterogeneidade do envelhecimento!** Com este texto, buscamos atenção para os casos de idadismo recentes que ocorrem no meio artístico e jornalístico. Independentemente de serem experientes, esses trabalhadores estão sendo demitidos em larga escala. Isso deve ser denunciado! Vejamos alguns trechos de entrevistas: "A televisão é jovem como o cinema que é jovem. É uma coisa assim no sentido de que o jovem é o belo e as pessoas estão já treinadas mentalmente a considerar visualmente o velho como uma coisa feia" (**Cristiana Oliveira**, atriz, 60 anos). "Não estão mais escrevendo textos para atores que passam de determinada idade... Passou de 60 anos é uma luta." (**Luís Melo**, ator, 65 anos). "Nos últimos meses, eu fui cogitada para alguns trabalhos e me parece, pelo menos, que eu não teria sido escolhida por causa da idade, que baixaram a faixa etária das personagens" (**Silvia Pfeifer**, atriz, 65 anos).

A exclusão de trabalhadores idosos se repete entre os jornalistas como apontado pela Federação Nacional dos Jornalistas. As denúncias desta organização indicam uma precarização das relações de trabalho, incentivo ao empreendedorismo e o idadismo como base para a demissão de grandes nomes do telejornalismo brasileiro. Para além desses exemplos, apresento o caso de idadismo no trabalho e na academia sofrido por João de Assis. Ele nos conta que aos 60 anos, já como almoxarife, iniciou um curso de Tecnólogo em Meio Ambiente em uma Universidade em Niterói. Em seu primeiro dia de aula na faculdade, com seus cabelos grisalhos e compridos, estava a aguardar o início da aula no jardim assim como os demais alunos. "Naquele momento veio um segurança na minha direção e me indagou do porquê de eu estar ali e solicitou meus documentos. Eu o indaguei também... Por que você não está fazendo a mesma pergunta para os outros alunos? Levei o caso à diretoria. Naquele momento, me senti discriminado por não ser jovem como os demais. Eu sofri idadismo, mas desconhecia o termo. Realmente eu era o idoso da turma. Finalizei meu curso com dificuldades de aprendizado, acompanhamento, mas finalizei. Não atuei por falta de oportunidade. Afinal de contas, o trabalhador jovem é mais atrativo para o mercado. Prossegui com a minha vida de trabalho em meu almoxarifado, pequeno e adaptado (digo isso porque já tinha sido um banheiro). Passei muitos anos trabalhando escondido, sem folga e me sentia oprimido. Certo dia, um amigo comentou sobre uma oportunidade de trabalho e me indicou um curso de massagem. Isso acendeu um desejo antigo de atuar nessa área. No auge dos meus 65 anos fiz o curso e hoje aos 71 anos de idade atuo como massoterapeuta. Eu trabalho porque preciso complementar a renda da minha família. Minha aposentadoria do INSS não é suficiente. Além disso, me sinto feliz por trabalhar. Vejo que ainda tenho muita capacidade para me desenvolver." Essas situações refletem um idadismo estrutural em nossa sociedade, cuja figura do jovem é vista como superior à da pessoa idosa. Ressalto que pessoas idosas têm os mesmos direitos, liberdades, direitos civis e políticos que os demais cidadãos.

O direito ao trabalho é um direito fundamental e indissociável dos demais direitos humanos. Todos temos direito a trabalhar e viver com dignidade e saúde (**Dell'Isola, 2017**).

Vamos colocar as lentes do envelhecimento!

Pessoas idosas existem e não são invisíveis.

Eu não tolero idadismo e você, tolera?

■ ■ ■

Referências

Dell'Isola C. A organização internacional do trabalho (OIT): proteção e uma perspectiva do futuro trabalhador idoso. In: Campilongo CF, Gonzaga AA e Freire AL (coords.). *Enciclopédia jurídica da PUC-SP*. 1. ed. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2017. [Tomo: Manus PPT e Gitelman S (coord. de tomo). Direito do Trabalho e Processo do Trabalho]

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.